

Índice

Prefácio	9
Democracia	17
Sociedade	45
Liberdade	79
Política	109
Justiça	159
História	199
Europa	227
Mundo	259

Prefácio

O título deste livro, *Grande Angular*, é o da minha crónica do *Público* e tem uma ambição: a de, tal como a lente fotográfica do mesmo nome, ver e perceber os factos dentro do seu contexto e com alguma história. Pode perder-se em pormenor, mas ganha-se em compreensão. Foi o que tentei, entre 2019 e 2026¹.

Acompanhar durante os últimos sete anos a vida nacional e internacional, sobretudo a primeira, assim como o dia-a-dia da nossa política, foi para mim muito interessante, mas nunca deixou de ser uma fonte de sentimentos contraditórios. Entre o apoio e o receio, entre a adesão e a condenação. Nada é simples na vida. Verdade é que foram sete anos excepcionais, ricos e aterradores. Com doença, guerra, despotismo, violência e opressão. Provavelmente, para o mundo inteiro e também para Portugal, foram sete dos mais duros anos da época contemporânea.

¹ Agradeço ao Manuel Carvalho, director do jornal em 2019, o convite que me fez para regressar a casa, depois de uma ausência de quase dez anos e de uma colaboração anterior de vinte. Como apreciei os esforços feitos pela São José Almeida e pelo Jorge Almeida Fernandes para que tal se concretizasse. Aos “meus” editores Álvaro Vieira e Tiago Luz Pedro devo a boa hospitalidade que me proporcionaram. Agradecimento extensivo à actual direcção do Público e ao seu director David Pontes. Esta colectânea reúne cerca de cem artigos de um total de quatrocentos publicados nestes sete anos.

Uma pandemia como já há muito não se conhecia fez perto de seis milhões de infectados em Portugal e cerca de 30.000 mortos. Mas, no mundo, os números são impressionantes: cerca de 800 milhões de pessoas afectadas e mais de sete milhões de mortos! Na União Europeia, foram 170 milhões de casos e mais de um milhão de vítimas mortais. Os factos são inesquecíveis. Toda a vida parecia entre parêntesis. Empregos, fábricas, escolas, ruas, restaurantes, mercados, lojas e casas de espectáculos: total ou parcialmente fechados. Bebia-se café, nas ruas, através de postigos. Compravam-se medicamentos, nas farmácias, através de janelas minúsculas. Toda a gente usava luvas e máscara. Escolas e outras instituições fecharam portas e suspenderam as suas actividades. Parecia que vivíamos em guerra.

Fenómeno também inesquecível, por todas as más razões, foi o do regresso da guerra à Europa. O conflito dura há mais de cinco anos, fez até agora um incrível número de feridos, desaparecidos e mortos, cujos valores reais são escondidos pela Rússia e pela Ucrânia. Mas sabe-se que as vítimas ultrapassam, até 2026, as 700.000 baixas e os 200.000 mortos do lado ucraniano e, entre os Russos, as 1,5 milhões de baixas e cerca de 300.000 soldados mortos. Os números são horrendos, mas a realidade pode ainda ser pior. As guerras são assim, escondem os seus factos. Tal como os governos, que escondem os seus mortos. Os soldados e os políticos não sabem, não querem saber, não dizem e não querem dizer. Ali temos um país invadido, quase destruído, com perdidos e conquistados pelo invasor. A Ucrânia já perdeu, pela violência, perto de um quinto da sua superfície. O invasor, a Rússia, uma das maiores potências militares não só perdeu a primeira batalha, como está encostada à guerra há quase cinco anos. Naquela região europeia, em vários países, perderam-se a paz, a democracia e o progresso. Até a vida. Há perto de 80 anos que a Europa não vivia nem conhecia nada de parecido. Do lado dos invasores, a violência e a crueldade russas exibem-se no seu mais puro estado. A vontade imperialista parece ter ganhado novos direitos. No país parcialmente ocupado,

admira-se aquela espécie de heroísmo ucraniano, feito de resistência e de capacidade de sofrimento. Os Europeus e o mundo habituaram-se a mais esta guerra. Ainda não sabemos se terão aprendido com ela. Mas percebeu-se, até agora, que os Europeus sentiam dificuldades em preparar-se para evitar novas guerras.

Perto dali, às portas da Europa, recomeçou o combate entre o terrorismo islâmico e o imperialismo israelita. O ataque do Hamas e dos Palestínianos a Israel, em 2023, fica na história. Tal como ficam as represálias israelitas que, durante vários anos, fizeram mais de 100.000 mortos e terão totalmente destruído um pedaço de país, Gaza, em massacre quase sem igual. Toda a região ficou em brasa e em fogo. Líbano, Síria, Irão, Israel e os países do Golfo envolveram-se em guerra inédita, com milhares de mísseis e de drones disparados todos os dias e fazendo vítimas e destruição com as quais também já nos habituámos a viver. A entrada dos Estados Unidos na guerra do Próximo Oriente, designadamente contra o Irão, veio alterar o mapa da guerra e da paz e modificar as alianças políticas. Naquela região, com o envolvimento acrescido dos Estados Unidos, da Rússia e da China, luta-se pela liderança mundial e pelo petróleo. Não são boas receitas para a paz e a liberdade.

Em África, as guerras civis e internacionais continuam a fazer incalculáveis números de mortos e feridos, assim como dezenas de milhões de deslocados e refugiados. Países, Estados, religiões, etnias e famílias defrontam-se sem piedade, nas mais cruéis manifestações de dor e violência, ainda por cima com a intervenção de potências externas e de interesses económicos poderosos. Sudão, Congo, Mali, Burkina Faso, República Centro-Africana, Ruanda, Sudão do Sul, Etiópia e Nigéria, entre outros, competem entre si pelas palmas do terrorismo, do rapto, do massacre e da violação. Nenhum continente tem, como África, a violência e a crueldade inscritas no quotidiano, perante a indiferença do mundo inteiro. Em África, os números de mortos, feridos, deslocados e refugiados são sempre aos milhões.

Os novos comportamentos imperialistas das grandes potências, Estados Unidos, China e Rússia, ganham novos feitos e representam ameaças de peso. Os Estados Unidos distinguem-se com acções inéditas ou quase, raptando o presidente Maduro da Venezuela, ameaçando de invasão Cuba e a Gronelândia e decapitando, com a ajuda de Israel, a liderança do Irão, assassinando umas dezenas de dirigentes políticos e militares. A Rússia invade a Ucrânia e lança-se numa guerra de conquista que parece não ter fim. A China, com o seu colossal poderio industrial, económico e financeiro, acompanha, cresce e prepara-se. Neste processo planetário, a democracia parece estar em recuo. Análises e observações internacionais sugerem que haverá perto de 30 democracias plenas, além de outras tantas ditas “imperfeitas”. Os restantes países, mais de cem, entre os quais alguns dos maiores e mais populosos do mundo, não são nem pretendem ser democracias. Para nosso orgulho, Portugal faz parte do pequeno grupo das democracias plenas.

Os últimos anos revelaram melhor e aceleraram um fenómeno já conhecido e mais antigo, o da globalização prática e real, o da dependência crescente de um e de todos, perante todos e um. A crise energética é mundial. Os bloqueios no Próximo Oriente condicionam a vida de toda a gente. Todo o mundo parece estar dependente de todas as decisões, uns dos outros, sobre o petróleo, os cereais, os exércitos e os minerais. E agora também sobre inteligência artificial e os seus dispositivos. Com todos os seus méritos, a globalização, faz-se sem acumulação de valores políticos e morais universais. Mas com razoável desprezo pelo multilateralismo e pelos princípios do direito internacional. A globalização poderá ter desenvolvido a produção de bens e o comércio, a livre circulação e a concorrência, mas tem condenado os sentimentos de pertença das comunidades locais e nacionais, sem promoção das liberdades individuais. Apesar das promessas libertadoras da sociedade global, o grupo humano mais oprimido e mais violentamente tratado, o das mulheres, continua a viver, em dezenas de paí-

ses, em situação de inferioridade e em estado de absoluta dependência.

Mais perto de nós, à volta de nós, a Europa encontra-se em profunda decadência ou declínio, sem população, a viver de imigração descontrolada, sem petróleo nem gás, a comprar na Rússia durante décadas, sem forças armadas consequentes, a viver dos Estados Unidos, sem indústria, a viver do trabalho na China: a Europa mete dó como sempre acontece com a decadência de glórias passadas e de grandezas perdidas. Com presente incerto e futuro desconhecido, a Europa entrega-se gradualmente ao populismo, às aventuras políticas irracionais, ao protesto descabelado e ao nacionalismo desenfreado. Como outros disseram, com propriedade, a Europa é cada vez mais um “parque temático”, um museu, um roteiro cultural e um local de repouso e retiro. Não dá para viver nem para preparar o futuro. Por toda a Europa, mais talvez do que pelo resto do mundo, a crise da demografia e da população criou fragilidades e tensões para as quais não houve previsão nem conhecimento. A quebra da natalidade e o envelhecimento da população processaram-se de modo mais rápido do que jamais antes tivesse sido imaginado. As imigrações descontroladas, as fontes de exploração desumana, as manifestações de racismo e as ameaças de desordem e de destruição cultural são tantas e tais que a Europa não parece ter meios para as afrontar em democracia e segurança.

Estes últimos anos de Portugal não foram seguramente à proporção do que aconteceu no mundo e na Europa. Mas, à nossa escala, partilhamos muitos destes desastres. Também tivemos incêndios florestais assustadores, com dezenas de mortos; e vendavais destruidores, com enormes estragos materiais. Mas não foram essas desgraças que mais marcaram a evolução da sociedade. Foram, sim, as profundas alterações culturais e demográficas. Em menos de duas décadas, trinta milhões de turistas por ano, num país com apenas dez milhões de habitantes, alteram qualquer sociedade e qualquer país. Um milhão e meio de imi-